



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

**JOSÉ DE SOUZA MARTINS**

Hoje, 05 de junho de 2006, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do sociólogo José de Souza Martins, professor titular aposentado de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, para o projeto de Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sergio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Daisy Perelmutter:** Bem, Professor, nós gostaríamos de iniciar o depoimento pedindo para o senhor traçar o seu mapa afetivo da cidade de São Paulo, citando os lugares marcantes da sua juventude e da sua vida universitária.

**José de Souza Martins:** Eu não morava em São Paulo, morava em São Caetano quando comecei a frequentar a Biblioteca Municipal. Eu trabalhava, sou de uma família de operários, eu mesmo era operário. Quando comecei a frequentar a Biblioteca eu já não era operário, mas trabalhava na fábrica ainda. Trabalhava todos os dias e aos sábados trabalhava até o meio dia. Eu descobri a Biblioteca: ninguém me disse: “Olha, existe uma Biblioteca Municipal”, eu fui fuçando e não sei como eu vim parar aqui. Isso faz cinquenta anos, em 1955. Em geral, eu frequentava a Biblioteca aos sábados. Eu

saía do meu trabalho, às vezes nem almoçava, vinha direto para cá e ficava na Biblioteca até as dez horas da noite, por aí.

Depois eu saía daqui e ia pegar o ônibus até o Parque Dom Pedro, e voltava para São Caetano. Então, dos lugares significativos que marcaram logo de cara a minha relação com a cidade de São Paulo, a Biblioteca foi o primeiro deles. O primeiro lugar sério que era para ir mesmo, não para passar. Para passar eu conhecia vários lugares: a Galeria Prestes Maia, a Praça da Sé, o Parque Dom Pedro II; que era lindíssimo e que hoje virou essa coisa pavorosa que está aí. Mas o primeiro lugar sério que eu frequentei foi a Biblioteca. Eu vinha aos sábados, feriados – eu não me lembro se abria aos domingos, mas eu acho que cheguei a frequentar em alguns domingos. Meu tempo para frequentar a Biblioteca era pequeno, depois do trabalho. Eu estudava à noite e, depois que comecei no rumo da vida universitária, eu me tornei um frequentador habitual da Biblioteca. Aliás, foi neste auditório que eu tomei a decisão de fazer o curso de Ciências Sociais.

Eu estava indo para a História – eu fazia um curso normal em Santo André – porque eu tinha uma professora maravilhosa de história, Dona Margarida Amir Silva, que tinha sido aluna e se formado pela Faculdade de Filosofia da USP<sup>1</sup>. Eu estava terminando o curso normal e imaginava que iria ser professor primário na roça, porque eu tinha sido aluno em escola de roça. Houve um tempo que minha família morou em Guaianazes, quando Guaianazes era uma estação, um lampião e uma rua. A gente morava em uma fazenda chamada Santa Etelvina, que era uma fazenda mesmo. Morava em uma chácara que não era nossa. Essa chácara ficava a oito quilômetros da estação Guaianazes: eu andava oito quilômetros a pé para ir e oito quilômetros para voltar. Então fiquei muito marcado pela ideia de um dia devolver o que eu havia recebido no grupo escolar Pedro Táxi, que era o grupo da estação. Eu fiquei encantado com a ideia de dar aula na roça. Fui fazer o curso normal e, para mim, a vida acabaria ali, minha formação terminaria aí: eu iria para a roça fazer o concurso, que era o único jeito de entrar no magistério. Mas eu fui mordido pela professora de sociologia, Dona Araci Ferreira Leite, e pela Dona Margarida Amir Silva, que me convenceu. Era História

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo.



mesmo. Mas aí eu vi no jornal que iria ter um ciclo de conferências na Biblioteca Municipal de São Paulo sobre vocação: cada dia viria um professor da USP e explicaria o que era a profissão dele, o que se fazia na área dele. Eu ouvi várias das palestras e a palestra que me tocou não foi a de alguém da área de Ciências Sociais, foi a da dona Noemi Silveira Rudolfer, que era o grande nome da psicologia social na USP. Quando ela fez o discurso da psicologia social, bem aqui neste auditório, eu falei: “É isso”. Aí eu optei pelas Ciências Sociais, comecei a me preparar. A minha professora de sociologia já tinha dado várias coisas para eu ler e, quando eu vinha aqui à Biblioteca eu já dava uma fuçada em umas coisas que não eram da escola, já fui enfiando o nariz pelas áreas que eu achei que poderia ser o terreno da sociologia.

**DP:** O senhor lembra quais foram esses livros que o senhor garimpava aqui?

**JSM:** Eu não lembro, eu sei que eu li *O Homem*, de Ralph Linton na própria Escola Normal, que era o grande manual de antropologia. O Linton foi publicado numa coleção pela Livraria Martins, que era uma coleção para alunos de Ciências Sociais da Universidade. Eu tenho a impressão de que eu andei passando por aí. Eu fui na pista da informação que eu tinha e a informação básica era o Linton, que estava traduzido. Eu conseguia ler francês razoavelmente, porque tinha tido uma excelente professora de francês no ginásio noturno. Lia o inglês com muita dificuldade, lia o espanhol bastante bem, mas isso qualquer um lê, basta se esforçar que acaba lendo. Então eu já conseguia me movimentar.

Neste tempo aconteceu uma coisa importante: eu resolvi, como eu tinha feito uma primeira opção por História, me veio à cabeça uma história maluca que seria de escrever um livro sobre a história de São Caetano. Havia muita discussão na época de aniversário da cidade, sobre a cidade e essa coisa toda. Mas não havia nada sério escrito. A gente via matéria de jornal, e matéria de jornal realmente não era séria, era só para informar. Eu resolvi fazer isso a sério, como um exercício pessoal. Escrever o livro era uma meta boba, porque não tinha nem quem publicasse. E o primeiro lugar que eu comecei a frequentar em função disso foi aqui e o Arquivo do Estado, que abria



sábado de manhã. A fábrica em que eu trabalhava me deu um sábado por mês para eu ir ao Arquivo do Estado. Era a fábrica que me pagava a escola, por sinal. Então eu ia ao Arquivo do Estado e de lá eu já vinha aqui para a Biblioteca, porque ele era aqui na Rua Antonio de Queiroz. Então eu descobri a coleção de História de São Paulo da Biblioteca Municipal de São Paulo e acabei escrevendo um livro. Este livro foi publicado e ele existe aqui na Biblioteca.

**DP:** E esse exercício foi antes de entrar na Universidade?

**JSM:** Este livro já estava publicado quando eu entrei na universidade. Eu fui muito autodidata para certas coisas e, para fazer isso, eu fui atrás do Afonso de Taunay, que acabou me escrevendo uma carta dando algumas indicações. Aí ele me indicou o João Batista de Campos Aguirra, que era do Instituto Histórico e tinha um arquivo pessoal aqui perto, na Líbero Badaró. Ele morava sozinho na própria biblioteca. Então, antes de vir aqui, às vezes eu passava por lá para conversar com ele. O problema é que ele era surdo e eu tinha que falar aos berros. Ele me deu muitas indicações de bibliografia de História. Na época eu li muito o Taunay – hoje eu acho que ele não é um bom historiador, mas ele é um historiador abundante, que levantou muito material. E fui atrás de outras pessoas, e muita coisa que elas me disseram me ajudaram a localizar livros aqui na Biblioteca.

**DP:** E o senhor frequentava as atividades de extensão cultural da Biblioteca?

**JSM:** Não, porque eu tinha que escolher entre isso ou os livros. Eu tinha pouquíssimo tempo aqui na Biblioteca: eu trabalhava de dia e estudava à noite. Eu não tive lazer. Fui a Santos uma única vez na minha vida, numa época em que você pegava um trem e ia passar o domingo em Santos, ia à praia. Eu não, eu fiz uma opção, quem não tinha nada, não tinha recursos, meios ou tempo, tinha que fazer isso. A minha praia era a Biblioteca Municipal de São Paulo.



**DP:** E a regularidade dessas visitas à Biblioteca, o senhor manteve durante quanto tempo?

**JSM:** Durante muitos anos. Quando fui aluno de Ciências Sociais eu frequentava aqui regularmente, quase todos os dias. Fui aluno de curso noturno nos dois primeiros anos, mas depois eu passei a ficar aqui na Biblioteca até a hora que fechasse. Aqui era o único lugar. Na verdade, a Faculdade de Filosofia tinha uma velhíssima biblioteca na Maria Antonia, que não só era desatualizada - e a bibliotecária era desatualizada; ela era rabugenta, intolerante, ela não punha o livro na sua mão com boa vontade. Então ninguém ia à biblioteca, era uma coisa incrivelmente triste. A biblioteca de Ciências Sociais tinha três estantes e mais nada, e a Biblioteca aqui tinha um grande acervo na área de Ciências Sociais, do tempo dos franceses que tinham uma grande interação com a Biblioteca. Então eu vinha para cá quando passei a fazer o curso diurno.

**DP:** E quais eram as pessoas da sua geração que você encontrava aqui?

**JSM:** Eu não tive uma sociabilidade na Biblioteca, eventualmente encontrava alguns colegas meus da universidade, mas no geral... Eu também não ficava muito neste saguão. Eu ficava lá dentro.

**DP:** Você não era um “adorador da estátua”?

**JSM:** Não. A estátua é uma referência, tanto que eu vou escrever uma matéria para a minha seção no jornal e vou tomar como referência a estátua do Fracarolli. Ela era uma referência, era um desafio, a gente entrava e dava de cara com aquela estátua monumental do Fracarolli, ali na frente. Mas eu ficava lá dentro - eu não fumava. E como era muito problemático sair para voltar, ficar na fila de novo, eu já tirava vários livros. Era um pouco lento o serviço de descer os livros, podia pedir até três livros. Eu não usava a circulante, usava aqui. Então, eu já punha os livros na mesa e examinava, tomava nota. Eu era muito rápido para ler e assimilar. Eu já vinha lanchado, que



também não era um grande lanche. Eu lanchava na Leiteria Americana que tinha um leite com chocolate excepcional, comia um sanduíche e ponto final. Aí eu ficava aqui até as dez horas da noite.

Minha sociabilidade era a do silêncio. Lá dentro, a sala era muito gostosa, o pessoal realmente não fazia barulho, o pessoal era muito respeitador do direito do outro ao silêncio.

**DP:** Você comentou que tinha fila, tinha uma procura imensa?

**JSM:** Tinha dia que era bastante complicado, a gente ficava mais de meia hora na fila esperando, rezando para alguém cair fora da fila. Quem sabe não dá uma dor de barriga em alguém e ele vai embora.

**DP:** E o perfil do público? Era muito diversificado?

**JSM:** Essa biblioteca era muito frequentada por autores, por intelectuais que vinham para ler mesmo, não que estivessem fazendo alguma pesquisa ou nada disso. Vinham muitos estudantes do colegial, do curso normal – este era o público. Não era o público de escola primária, esse público não vinha aqui de jeito nenhum, felizmente, porque a demanda seria outra. O lugar não era próprio para isso, era uma Biblioteca do tipo universitária mesmo, do tipo que a gente vê na Europa e em alguns lugares. Acho que foi um pouco este o projeto.

Eu usava também a sessão de periódicos, porque eu não podia comprar muito jornal, eu comprava um jornal por semana. Tinha um jornal bastante razoável que era *O tempo*, eventualmente o *Estadão* ou *A Gazeta*. Tinha *A Gazeta Esportiva* e *A Gazeta*, que era um jornal do tipo de intelectual, era um tipo de intelectual interessado em história de São Paulo, sobretudo, eles estavam falando sempre da Revolução de 32, e saíam matérias muito boas, de historiadores paulistas. Então eu lia, só que não podia comprar isso tudo, então eu lia aqui. Às vezes eu pegava a coleção da semana e me atualizava. Eu não tinha televisão em casa e rádio, nós só fomos ter em casa quando já

era adulto. Então era aqui mesmo na Biblioteca que eu ficava sabendo o que estava acontecendo no mundo.

**DP:** Professor, o senhor falou da sua origem. Enfim, como que o senhor levava esse repertório para casa? Havia um diálogo?

**JSM:** Não, não havia. Meu pai já tinha morrido. Meu padrasto era analfabeto, completamente analfabeto. Não tinha nenhuma conversa. A relação dele comigo e com meu irmão era muito complicada, tanto é que eu saí de casa quando ele tentou nos matar. Ele já tinha tentado algumas vezes e não era... Ele não bebia, mas hoje eu tenho uma ideia do que foi. Ele veio da roça, veio para cidade, ele era um desajustado na cidade, ele não entendia a fábrica. Tanto que nós voltamos para a roça por causa dele. Era o que ele sabia fazer e fazia muito bem. Meu interesse pela cultura caipira vem muito desta minha convivência com ele. Ele era um homem que não falava sobre coisa nenhuma, nem na mesa. Minha mãe também não, ela não teve escolaridade, sabia ler e escrever mais ou menos, mas não lia. Os livros que eu tinha em casa eram do meu pai que tinha estudado até o ginásio. Então tinha alguns livros velhos que eu lia e relia, eram os livros que ele deixou.

Em casa este mundo da Biblioteca Municipal não entrava, não tinha com quem conversar sobre isso. Meu irmão também não, porque ele fez uma opção que era natural na família - ele optou por se transformar em um operário qualificado. Então ele foi para a Escola Getúlio Vargas, que era a melhor escola industrial de São Paulo, que era ali, e o Liceu de Artes e Ofícios. Para ele tudo o que interessava era técnico. Ele se tornou um grande profissional. Ele foi um dos primeiros ferramenteiros especializados em ferramentas leves de alta precisão. Então, poesia – eu gostava de poesia e lia poesia aqui – e essas coisas ele não gostava. Eu era um solitário neste sentido. Eventualmente, amigos de escola, que também não frequentavam a Biblioteca, porque era muito longe vir de São Caetano até aqui. Eu era uma raridade lá no meu pedaço.

**DP:** E quando você entrou na universidade?



**JSM:** Quando entrei na universidade foi diferente: eu tinha amigos que já frequentavam a Biblioteca, a gente se encontrava aqui, quando saíamos. Mas estávamos sempre economizando tempo, não podíamos ficar batendo papo aí no saguão, nem podia sair para voltar. Sair para voltar significava ficar batendo papo de novo, então a ideia era sair no fim. No fim a gente sempre saía e ia parar de novo na Leiteria Americana, que era uma instituição; tomava um chocolate, batia um pouco de papo. Eu não fiz nenhum amigo aqui na Biblioteca entre os frequentadores já conhecidos, porque não havia este espaço, a não ser os que frequentavam o saguão. Eu era de lá de dentro, do salão de leitura, lá você não tinha esta chance. Via às vezes a mesma pessoa, durante anos eu vi as mesmas pessoas aqui dentro.

**DP:** E quando o senhor estava fazendo o curso, quais foram as suas descobertas bibliográficas aqui? Tinha toda a bibliografia aqui?

**JSM:** Não tinha toda a bibliografia aqui porque a Biblioteca parou de atualizar suas aquisições de livros especializados num certo momento, isso era visível. Era visível que a Biblioteca tinha se mantido atualizada até os anos cinquenta, que é quando eu começo a frequentá-la. Eu frequentei a Biblioteca durante muitos anos. Um dos meus livros, *O cativo da Terra*, que eu escrevi todinho com o material existente aqui na Biblioteca, na parte relativa ao Brasil, São Paulo, cultura do café; havia preciosidades, coisas maravilhosas.

**DP:** E tudo na coleção geral?

**JSM:** Tudo estava na coleção geral, pouca coisa nos livros raros. Eu me lembro que eu até descobri um livro que estava dado como raro e que estava na sala de leitura, e a reedição que todo mundo podia comprar no sebo estava na coleção de raros. Aí eu informei por escrito a troca, o equívoco, e disse: “Olha, é melhor deixar aquela que está





lá em cima aqui e esta aqui, que é uma raridade, tem que ficar lá”. Mas toda a minha pesquisa para esse livro *O Cativo da Terra* foi feita aqui.

**DP:** Professor, e quando que as bibliotecas universitárias passam a ser uma referência mais importante que a Biblioteca Municipal?

**JSM:** Não foi no meu tempo de estudante. Eu sou do tempo da Maria Antonia e a gente entrou e saiu de lá sem biblioteca. Nesse meio tempo a gente supria comprando livros. Então era escolher almoçar ou comprar um livro, eu fiz muito isso. Tinha que comprar. Havia uma cooperativa na Faculdade de Filosofia fundada pelo professor Theodoro Maurer, que era de Letras, e pela professora Diva Benevides Pinho – aliás, vocês deveriam entrevistá-la – que hoje é uma pintora consagrada e foi minha professora de economia. Eles montaram uma cooperativa onde a gente pagava uma pequena taxa e podia comprar os livros, eles até importavam livros com grandes descontos. Eu comprava o básico e havia muito aquela coisa de emprestar um para o outro, e completava um pouco aqui, que tinha os clássicos. Na nossa pequena biblioteca também tinha algumas coisas básicas. Os professores, às vezes, mimeografavam os textos, eles traduziam, ou nós mesmos traduzíamos e mimeografávamos alguns textos. Foi uma época muito pobre de recursos bibliográficos. A Biblioteca Municipal já não era tão atualizada, a nossa também não era, não tínhamos a assinatura das revistas mais importantes, e isso a Biblioteca também não tinha.

**DP:** Isso no final da década de 1950?

**JSM:** Não, isso já é década de 1960, virada para a década de 1970. O período da crise aqui da Biblioteca, quando ela começa a ficar desinteressante para mim, de não frequentar regularmente, é nos anos 1970 virando para os anos 80, que é quando a Biblioteca perde seu perfil histórico. Isso era visível. A gente começa a sentir um certo abandono nas instalações, o serviço começa a ficar muito burocrático, lento. Então, havendo a possibilidade de encontrar as coisas em outro lugar, eu ia para outro lugar.



Mas ela continuou sendo uma espécie de grande e preciosa estante de livros sobre o Brasil e sobre a cidade de São Paulo.

Houve uma época, mais ou menos recente, que eu pensei... Quando o Francisco Weffort estava para assumir o Ministério da Cultura, eu o encontrei no corredor – o Fernando Henrique ainda não tinha tomado posse – e eu perguntei: “Professor, você aceita sugestões?” Ele respondeu: “Claro” – eles aceitam todas, não é? Eu sugeri que o governo federal pensasse em criar bibliotecas nacionais nos estados, como na Inglaterra, que você tem bibliotecas universitárias que são nacionais. Aqui em São Paulo, que deveria ser o primeiro lugar, e sugeri que eles deveriam entrar em um esquema com a Biblioteca Municipal de São Paulo, porque ela tem na verdade o germe de uma biblioteca nacional. Ela é uma biblioteca nacional sem ter sido. E eu falei para ele que o governo federal deveria dar uma ajuda, colocar o dinheiro, fazer uma proposta de modernização. “Ah, ótima ideia!”, ele disse, mas nunca levou à frente. Depois, quando o reencontrei com ele já ministro, num lançamento de livro, ele me disse: “Já sei, você vai me cobrar.” - “Exatamente, vou te cobrar, o que aconteceu?” “Houve resistências”. Eu perguntei: “Resistências de quem?” E ele respondeu que era do pessoal da Biblioteca Nacional. Eu perguntei: “Mas quem é o ministro? Você ou o pessoal da Biblioteca Nacional?” E ficou por isso.

Então, São Paulo, que é o miolo econômico deste país, não tem uma biblioteca nacional. A biblioteca nacional que nós tivemos, e era de fato uma biblioteca nacional, era esta aqui.

**DP:** E quando o senhor se afasta daqui da Biblioteca nos anos 1980 e 1990, o senhor acompanhou à distância?

**JSM:** É. Eu de vez em quando venho à Biblioteca, quando eu preciso achar textos de literatura ou de poesia, eu não venho aqui só por motivos práticos. É claro que hoje eu venho muito menos do que vinha. Fazia muito tempo que eu não vinha, acho que desde que puseram mesas de plástico no salão de leitura. Aí eu fiquei chocado e pensei: “Não



é mais a Biblioteca”. Eu sempre passo na porta e lembro, sempre faço referência à Biblioteca.

**DP:** E o que o senhor acha dos programas de formação de leitores? Embora as estatísticas sejam tristes, como que o senhor acha que o Estado deve participar na formação dos leitores? Quais as ações que são bem sucedidas?

**JSM:** Eu não acompanho nenhum programa de formação de leitor, até porque tenho uma certa resistência à ideia de que você precisa fazer propaganda de livro, de leitura e de biblioteca para que as pessoas leiam. Eu acho que só o fato de você aprender a ler e poder ter um livro na mão é um privilégio, uma porta. Eu entrei no mundo do livro. Eu venho de uma família que não lê. Uma das primeiras surras que eu levei foi porque eu comprei um livro e gastei o dinheiro que minha mãe tinha dado para outra coisa. O livro era um luxo, coisa de gente rica. O fato de ter acesso ao livro para mim sempre foi um privilégio. Eu acho que você não tem que fazer programa de formação de leitores. Na verdade, hoje eu reconheço que o livro tem que concorrer com outros meios de comunicação que são muito atraentes, mas sensivelmente inferiores em termos de conteúdo e substância. São muito atraentes, mas não têm substância, não te fazem pensar. O livro te desafia, te convida a pensar. Acho que os programas podem ser interessantes, dependendo do modo que forem propostos. Estimular os alunos a ler; há tanta coisa para se começar a ler, começar a ser leitor, não precisa dar *Camões*, *Os Lusíadas*, logo de cara. No meu tempo era mais ou menos assim: “Se você quer ler, começa pelo *Camões*”.

Mas uma coisa aqui para a Biblioteca, que é uma ponte para o livro, é voltar a ter programas como esse que me trouxe para vida universitária, que é discutir as profissões, as carreiras. O que faz um escritor? O que faz um poeta? Na feira Literária de Parati tem isso naquelas tendas. Há dois anos eu fui convidado e fiquei encantado com aquelas crianças lendo, recitando Guimarães Rosa na praça, e elas não estavam fazendo isso teatralmente no sentido de que a professora mandou fazer e elas fazem, elas estavam mesmo deslumbradas com o texto de Guimarães, e Guimarães não é



sopa. Elas perceberam a poesia da palavra, só a palavra já tem a poesia. Eu acho que este tipo de coisa tinha que ser feito. Sei lá, dar prêmios em livros para as crianças.

**DP:** E como uma biblioteca como esta poderia participar dessa sensibilização? Porque a gente está bem nesse momento de inflexão, e o resgate dessa memória é até para a gente saber qual é o potencial da instituição nesse momento. Para onde a gente precisa canalizar os nossos esforços?

**JSM:** Claro. Olha, no meu modo de ver, o público inicial da biblioteca está nas escolas. Eu acho que valeria a pena estimular as escolas a trazerem os alunos aqui, não para fazerem esta visita para mostrar o prédio que não funciona para nada, mas que as escolas dessem um programa para o aluno vir à biblioteca para ler um livro de poesia. Você pode pegar um metrô e descer aqui na porta. Você pode mostrar que tem livros interessantes que vale a pena ler, explorar o romantismo do adolescente, da juventude, mostrar que tem tanta coisa interessante para ser vista aqui. Acho que valeria a pena a Biblioteca fazer leituras públicas de texto. Não sei se convida atores, ou estudantes que queiram exercitar um pouco, ou não precisa ser perfeito o lado teatral. Então lê, lê um texto de Shakespeare ou de Guimarães Rosa, por que não? Fazer leituras públicas, uma coisa que não seja chata, maçante, e articular isso com a exibição de slides interessantes, obras de arte, eu acho que vale a pena.

A minha tese em relação aos meninos de rua, é que este país é desonesto com as novas gerações, nosso país como um todo e não só o Estado. O menino de rua que você vê cheirando cola aqui no Anhangabaú poderia ser um escritor, um médico, um cientista. Porque esta sociedade não lhe oferece alternativas desse tipo, ele acabou caindo lá, porque era o que estava disponível e fácil. A gente tem que disputar com a droga, com o traficante. Tem que disputar; fazer discurso policial sobre isso. Se resolvesse, o problema já estaria resolvido. Não é que não têm que ter a intervenção da polícia, eu acho que tem que ter outras coisas também. A biblioteca, o livro, a leitura, têm que ser mostrados e propostos como algo muito mais interessante que todas essas outras alternativas.



**DP:** Você já teve esse tipo de experiência? Como os seus alunos, você faz um trabalho aplicado...

**JSM:** É, eu vou para a rua com eles. E o que me chama muito a atenção é o número de pessoas que estão na rua, muitas vezes moradores de rua, que ficam interessados na aula que eu estou dando, e muitas vezes acompanham o grupo e vêm questionar, vêm fazer perguntas, eu respondo as perguntas, eu peço para os alunos também responderem. Eles às vezes ficam um pouco assustados. Muitas vezes o cara diz: “Que merda é essa?” Aí eles ficam assustados. “Não é o nosso departamento”. É o nosso departamento, tem que entrar no jogo da conversa, discuta, explique. Tem muita poesia na rua. Existe uma pessoa que até deveria se transformar no homem símbolo de qualquer biblioteca: é aquele que fica ali na Pedroso<sup>2</sup> e mora na ilha, e escreve livros e dá os manuscritos para as pessoas. São livros sobre as memórias dele. Ele é um sujeito que ficou internado em um hospital psiquiátrico, que tem uma consciência muito aguda da violência da psiquiatria. As crianças vão lá conversar com ele, ele lê, dá os manuscritos para elas. Esse homem é o monumento vivo do livro porque ele escreve na praça. É o único país do mundo que tem uma estátua viva do livro.

**JSM:** Eu acho que esta Biblioteca, até por força da monumentalidade do prédio, tem características de Igreja, como instituição. As pessoas sabem que ela está aqui. Você não vai à Igreja todo dia, mas você sabe que está lá. Se um dia você precisar, você entra. Eu faço isso de vez em quando. Hoje eu faço menos, porque tenho certa dificuldade para caminhar. Eu fazia muito isso, eu fazia um percurso aqui no centro: passeava, passava nas igrejas – eu gosto muito da Igreja de São Bento – e a Biblioteca entrava no meu roteiro. Eu tirava um dia para fazer isso. Aí eu me dei conta, eu vou à Biblioteca como se fosse uma igreja, há uma certa sacralidade do lugar.

Eu sou de uma geração para a qual o livro é místico, o livro é um objeto de respeito. Havia duas coisas que na minha cultura juvenil eram objetos de respeito, o

---

<sup>2</sup> Avenida Pedroso de Moraes.



pão e o livro. Se o pão caía no chão, a gente beijava e comia – era o cúmulo do pecado – e o livro rasgado era uma coisa assim, que deixava a gente em pânico. Eu encapava meus livros para proteger da oleosidade das mãos. E a Biblioteca tem essa aura, acho que para muita gente tem, mas não dá para medir isso. Por aqui passaram milhares e milhares de pessoas, que ficaram numa relação de débito no sentido de “muito do que sei eu aprendi aqui”. Acho que isso está na cabeça de muita gente. Se você for à televisão e convocar essas pessoas para vir um dia na Biblioteca – organize qualquer coisa, uma leitura de texto – eu duvido que isto aqui não fique cheio, transbordando de gente até lá fora. “Se você deve alguma coisa da sua formação à Biblioteca Municipal, venha nos visitar tal dia”. Uma convocação pública. Eu acho isso fundamental. Acho que muita gente virá.

**DP:** Você falou dessa relação sagrada com o livro. O que o senhor acha que mudou nesta relação com os seus alunos? Há uma continuidade ou uma descontinuidade na maneira de se relacionar com o conhecimento?

**JSM:** Eu acho que não houve propriamente uma mudança substantiva, a não ser no fato de que as bibliotecas se tornaram muito mais abundantes do que eram. Você tem muito mais livros disponíveis, de boa qualidade na própria universidade, tem bibliotecas como essa e, provavelmente, muita gente venha aqui de vez em quando para ler certo tipo de livro. Eu acho que há, inclusive, uma valorização das bibliotecas e do livro.

As nossas bibliotecas na USP, por exemplo, sempre estão cheias, é raro você encontrar a biblioteca vazia. É como acontecia com esta aqui. Aqui era um problema, das oito da manhã até as dez da noite tinha fila. Não é que tinha fila só uma certa hora, tinha fila sempre, só não tinha fila no finzinho do expediente. Hoje você tem uma oferta de livros, de leitura imensamente maior. Se a gente for medir no que este país mudou – com todos os problemas, vicissitudes, pobreza e misérias – mede-se, no meu modo de ver, pelo acesso público ao livro. É isso que diz o que a gente ganhou, o que a gente perdeu. E nesse sentido a gente ganhou muito. Eu fico comovido, quando eu entro em



qualquer biblioteca e vejo que está cheia de gente, eu realmente fico comovido, eu gostaria de ter nascido agora, não naquela época.

Fui a Cuba uma vez e fui visitar aquelas escolas, do Parque dos Pioneiros. Com todas as críticas que eu mesmo faria ao regime, essa decisão de pôr os livros nas mãos das crianças, eu acho uma coisa fascinante. Andei com escritores cubanos pelas ruas, têm feiras e lançamentos de livros, é impressionante o que eles leem, como eles amam os livros. E nós temos esse fenômeno aqui no Brasil. Eu conheço o Brasil inteiro, por causa de pesquisas - não é só de ir uma vez por turismo - e a todo lugar que você vai, as pessoas estão ligadas aos livros. Você poderia dizer que é menos do que poderia ser com o número de livros disponíveis hoje. As pessoas hoje têm livros em casa, eu já encontrei bibliotecas espantosas no meio da selva amazônica, livrarias, nem que seja numa sacristia de uma igreja - e não eram livros religiosos. As pessoas querem ler, as pessoas vão lá. O livro entrou de fato no imaginário da população e entrou bem, entrou como uma coisa boa. Eu vejo isso muito positivamente. Eu acho que os alunos valorizam, se interessam, se inquietam quando um livro é danificado, porque infelizmente isso acontece. Eles leem, se interessam, frequentam a biblioteca, enfim, eu acho que houve uma mudança positiva.

**DP:** E voltando à sua relação com os seus alunos e a produção do conhecimento: o senhor fez parte de uma geração em que o saber foi urdido na experiência coletiva, justamente através de muitos grupos de estudo, de uma pessoa passar indicações para a outra, muitas experiências de troca. Como o senhor vê isso hoje?

**JSM:** Hoje é muito menos, até porque o pessoal não precisa muito disso, nós precisávamos. Nós fazíamos muito. Existia uma coisa na minha turma na Faculdade de Filosofia que foi sugestão de um professor, o Octávio Ianni. A gente não podia comprar os livros porque eles eram importados. Os nacionais, fazendo um esforço, dava, mas a maioria dos livros era importado, não dava para comprar, e o Brasil tinha a vigência de uma lei burra que dizia que o dólar para o livro era um dólar mais alto para evitar concorrência. Que concorrência você pode ter na maioria dos livros publicados lá fora



que não são traduzidos, vão concorrer com o quê? Então o livro ficava impossível. Nessa época, o Ianni sugeriu que uma boa parte das coisas nós poderíamos suprir se um dos alunos lesse e apresentasse para os demais, um compra o livro e lê. Nós deveríamos nos reunir uma vez por semana e o que leu passa para os outros, ele expõe o texto. O livro vira um livro falado, é claro que aquele que através do filtro de alguém que não era um especialista, mas a gente fazia isto toda semana. A gente tinha um dia por semana para poder compartilhar as leituras e, às vezes, dois ou três tinham lido o livro, e então havia um debate para saber se aquela leitura era mesmo boa ou não era. É a criatividade, quando a gente não tem, tem que inventar e funcionava muito deste modo. Tinha também o sebo e nós comprávamos livros nos sebos.

Depois eu descobri, quando ainda era estudante, que a UNESCO tinha criado o bônus da UNESCO, que era uma espécie de cheque, parecido com um cheque de viagem, era um dinheiro da UNESCO só para comprar livros no exterior. A UNESCO mandava uma lista de livrarias do mundo inteiro e você comprava o livro sem este acréscimo que o dólar oficial impunha no Brasil. O bônus da UNESCO era vendido na Cidade Universitária, num barracão que tinha lá do IBEC-UNESCO. É claro que não dava para comprar muitos, mas sempre que eu tinha um dinheiro sobrando eu ia lá e comprava. Eu comprei muito livro em sebo nos Estados Unidos, ou em ponta de estoque. Eu lembro sempre de um, que era um livro de referência chamado *Text Book of Logic*, não me lembro o autor, era encadernado, uma linda edição, eu comprei num sebo desses - zero, lindo - por um dólar, com o bônus da UNESCO. Um dólar não pagava nem o papel do livro. Eu escrevia para lá, eles mandavam um documento dizendo o valor do livro e eu colocava no correio, ia pelo correio e eu comprava o livro. Durante um tempo isto supriu, e isso reduzia muito o preço do livro. Depois os professores se desinteressaram e deixaram de usar este recurso, e as livrarias também começaram a proliferar. Eu ia muito à Livraria Francesa só para ler os livros lá, porque realmente eu não podia comprar os livros. Os livros franceses na área de História, de Ciências Sociais e de Literatura, eu ia lá ler, e o Paul Jean Monteil, que era o dono da livraria, tinha colocado umas poltronas, e a gente passava muito tempo lá, às vezes a gente ia lá no sábado e ficava o dia todo.





**DP:** E a Biblioteca tinha a coleção desses clássicos franceses?

**JSM:** A biblioteca tinha alguns clássicos, mas não todos. A Biblioteca chegou a ter enquanto os velhos franceses estavam aqui e provavelmente eles tinham um grande contato com o Sérgio Milliet e com o pessoal da Biblioteca, e eles recomendavam, davam sugestões, e a Biblioteca comprava. Esta biblioteca já foi muito rica, ela foi de muita prontidão para comprar livros, mas quando eu entrei na faculdade, os franceses já não imperavam mais. Os clássicos são sempre clássicos, este não era o grande problema. Então a gente podia usar os clássicos, mas não ter as versões atualizadas sobre as discussões e aqueles temas teóricos.

**DP:** O senhor teve contato com o Sérgio Milliet?

**JSM:** Não tive. Eu fui leitor das coisas dele. A prefeitura tinha uma belíssima coleção de textos. Neste tempo eu conheci o Nuto Sant'Anna, que era o diretor do Arquivo Histórico, diretor da Academia Paulista de Letras, e foi quem prefaciou este meu primeiro livrinho escrito aqui na Biblioteca. Meu contato foi com ele que me deu os livros dele, fez muitas sugestões, e uma das coisas que ele me deu foi um pacote das publicações da Secretaria de Cultura, e lá estavam as coisas do Sérgio Milliet. As críticas que ele escrevia no jornal e que eram reunidas em livro.

**DP:** E o senhor frequentava a Biblioteca durante a ditadura?

**JSM:** Eu frequentei a Biblioteca durante os anos do golpe, eu já estava morando em São Paulo. O Fernando Henrique Cardoso, que era meu professor, sabia que eu morava em São Caetano e tinha dificuldade para ir e voltar. O Fernando Henrique era um ótimo professor. Eu sou uma das pessoas que lamenta, não que ele tenha sido Presidente da República, mas que a gente tenha perdido o Fernando Henrique por causa da ditadura que o afastou da Universidade. O Fernando Henrique conversava



com a gente. Um dia ele me falou: “Você mora em São Caetano?” - “Moro” - “E você perde muito tempo?” - “Perco”. Aí ele me falou que a Faculdade iria montar uma casa na Rua Piauí, perto ali da Maria Antônia, e me ofereceu um quartinho lá. Disse que a casa ia ficar sem ninguém. “A universidade vai montar um centro de pesquisa, e se você quiser morar lá neste quartinho, tudo bem. E você vai ganhar quatro horas por dia”. Aí eu falei que queria ver e ele me levou lá com seu fusquinha azul. Na verdade era uma dispensa, cabia um sofazinho e um guarda-roupa que eu tinha, mais os duzentos livros que eu já havia conseguido comprar na minha vida. Eu falei: “Negócio fechado, pode me dar as chaves”. No domingo seguinte eu mudei. Eu passei a noite do golpe naquele quartinho.

**DP:** O senhor ainda era aluno?

**JSM:** Era aluno. O lugar que eu frequentava era aqui e a biblioteca da Faculdade de Economia, que ficava no fundo da Maria Antônia, a biblioteca de Administração, que tinha uma belíssima coleção de periódicos de Ciências Sociais, porque lá tinha sido professor o Mario Wagner Vieira da Cunha, que era sociólogo weberiano. E, com a mudança para o quartinho, eu podia passar muito tempo aqui na Biblioteca, porque era pertinho da Rua Piauí, aqui. Eu estava praticamente dentro da Biblioteca.

**DP:** E durante esses anos como foi a produção intelectual do senhor?

**JSM:** Eu me formei em 1964, sou da turma do ano do golpe. Nossa formatura foi no Teatro Municipal, o paraninfo foi o professor Florestan Fernandes, o Fernando Henrique já tinha ido para o Chile; ele foi o primeiro a ser procurado pela polícia lá na Maria Antônia. Imagino que é porque ele era um homem com muita atividade política na questão do nacional desenvolvimentismo, muito ligado ao Darcy Ribeiro, que era o Chefe da Casa Civil do Jango. E era filho de um general nacionalista que tinha sido apoiado pelos comunistas quando foi candidato a deputado federal em São Paulo. Ele



foi o primeiro. Eu estava lá e vi quando eles chegaram, e disse: “Essa gente não é daqui”.

Então, na nossa formatura, o Fernando Henrique não estava, mas o Ianni foi o patrono e o Florestan foi o paraninfo. Nesta altura eu já tinha um projeto para o meu mestrado – na época não chamava mestrado – o Ianni ia ser o meu orientador, mas na verdade seria o Florestan, era um pouco confuso este quadro de orientadores. Eu já tinha começado minha pesquisa no campo. Muita coisa de referência sobre a realidade do Brasil, o caipira, eu encontrei aqui na Biblioteca.

**DP:** Havia algum tipo de censura nas Bibliotecas nesse período?

**JSM:** Acho que a censura não existiu. Se alguém falar isso para mim, eu ficarei surpreso. Eu acho que não existiu porque os militares eram muito burros, vamos falar aqui entre nós. Não que a categoria seja, mas eles são de quartel, eles não são de ler, isso era bastante visível nos discursos que eles faziam. O único que tinha uma certa formação era o Jarbas Passarinho, que era coronel e continua escrevendo até hoje, e escreve bem. A cultura dele é muito antiga, mas é deliciosa porque é muito rica literariamente.

Mas os militares nem interferiram na publicação de livros, as pessoas podiam publicar o que elas quisessem. Havia problemas com as revistas. Eu fui editor de uma revista de debate e crítica junto com o Florestan e com o Jaime Pinsky. Era uma revista de tipo acadêmico feita fora da universidade, e foi pensada para juntar os professores caçados com os que ficaram, só que os que ficaram, a maioria não quis saber. Nós nos reunimos na casa do Jaime Pinsky e publicamos a revista. Um belo dia, quando já estava em vigor o AI-5, veio uma ordem para ir a Brasília e submeter a revista à censura prévia. Nós nos recusamos, avisamos a Polícia Federal e fechamos a revista. Fechamos a revista, esperamos alguns meses e abrimos a mesma revista com outro nome, e conseguimos publicar por mais dois anos. Ela apareceu com o nome de *Contexto*, mas era a mesma revista, o formato era o mesmo, demos uma mudada no corpo editorial e conseguimos publicar. Isso foi sugestão do Florestan que dizia: “Ah, se

fizer a mesma coisa eles vem em cima, tem que fazer de conta que é outra revista”. Nós mudamos algumas coisas e conseguimos publicar. Nós nos reuníamos na casa do Jaime Pinsky: Fernando Henrique, Paul Singer, Ianni, fazíamos uma reunião de editoria da revista para trocar ideias, conseguir novos colaboradores.

**DP:** E o senhor ingressou na USP em que ano?

**JSM:** Na graduação, eu entrei em 1961.

**DP:** E como professor?

**JSM:** Como professor eu entrei em 1965. Naquele tempo era o catedrático que convidava os assistentes, não havia concurso. A cátedra era uma coisa feudal. O senhor feudal podia ser bom ou ruim, por sorte o meu senhor feudal era o Florestan. Na verdade, o Fernando Henrique já tinha me convidado para trabalhar como assistente em uma pesquisa, que também era uma forma de me fazer trabalhar menos tempo. Naquela época eu trabalhava na Nestlé, que era aqui na Bráulio Gomes, foi meu último emprego fora do serviço público. Eles viram o esforço que eu fazia, porque eu vinha de um mundo onde o déficit da grande cultura era total, eu vim descobrir isto aqui. Eu frequentava o Teatro de Arena e ia ver peças do Brecht, e frequentava esta Biblioteca. Esta Biblioteca, nesta fase da minha vida, alguns anos antes da universidade e alguns anos depois, foi o grande centro cultural da minha vida. Você podia vir aqui e montar o seu próprio centro cultural, escolher o que iria ler, se tinha alguma atividade aqui você podia vir e acompanhar, ou sair daqui, ir ao teatro.

**DP:** E o senhor absorvia a efervescência cultural da cidade nessa época, em relação aos teatros?

**JSM:** Sim. Nessa época era até mais fácil ir ao teatro do que é hoje. E cinema, havia uma cortiça muito grande de cinema, porque tinha um cinema de arte aqui na Praça



Roosevelt, que só passava filmes difíceis, filmes bonitos, franceses. Tinha um cinema japonês, o Joia, ali perto da Praça João Mendes, e lá passava o Kurosawa. O boato corria na universidade e lotava, não tinha como entrar. Havia uma grande cortiça por cinema europeu. Durante a ditadura o cinema europeu foi importante como contraponto inteligente, culto, refinado, crítico; o que a gente não podia ver no campus a gente via no cinema.

Em 1964 eu já me formo, já estava com um pé na universidade, mas era um pé mais para sair do que para ficar, porque eu era um auxiliar de pesquisa. Eu aproveitei o mais que eu pude. Eu tinha um contato coloquial com os professores. Tem gente que achava chato que eu chamo o Fernando Henrique e a Ruth de você; eles eram crianças, novinhos, a Ruth tinha acabado de ter a segunda filha e eles também criavam esse clima coloquial. Só o Florestan que a gente chamava de senhor; o Florestan não deixava por menos.

**DP:** E como foi essa experiência como aluno do professor Florestan?

**JSM:** Eu fui aluno dele já no fim da graduação. O Florestan não era um bom professor, ele tinha um discurso difícil; como ele escreve, ele escreve difícil. Você tinha que aprender o código do Florestan para poder acompanhar sem sofrimento o que ele estava dizendo. Eu curti muito os cursos que ele deu, ele era um erudito, o mérito do Florestan era esse. Diferente dos assistentes dele, o Fernando Henrique, o Ianni e a Maria Alice, Maria Silvia, que eram grandes professores, no sentido de saber manejar a palavra, fazer aquele discurso articulado que tinha começo, meio e fim. O discurso do Florestan era cheio de parênteses para esclarecer e isso era difícil de acompanhar, mas se sabia que tinha um conteúdo grande. No começo foi um pouco difícil, depois ficou claro. E ele também não se recusava a voltar e esclarecer algum ponto e tudo o mais.

Em 1964, que foi o ano da minha formatura, ele me convidou para ser o assistente dele. No fim de 64 ele disse: “Eu vou encaminhar o seu contrato”. E eu falei: “Professor, você não pode encaminhar meu contrato, porque eu não sou formado ainda”. Ele ficou



furioso e deu uma bronca: “Como que você foi retardar o fim do seu curso?”. Aí eu expliquei que eu não tinha retardado o curso, porque eu não tinha sido reprovado em nenhuma disciplina. Eu ainda estava cumprindo meus quatro anos de graduação e não tinha como eu me formar antes disso. Aí ele engoliu o negócio. Eu me formei em dezembro e, quando foi em abril de 1965, já saiu o meu contrato como assistente dele. Aí, já comecei como professor e fui ser assistente dele na sala de aula. Eu fui originalmente trabalhar em uma pesquisa do Luis Pereira. Essa foi a indicação do Fernando Henrique, mas o Luis Pereira tinha uns altos e baixos, umas exigências de relacionamento que às vezes tornavam as coisas difíceis, e de repente eu tive que me afastar do Luis Pereira. O Florestan no ato me chamou para trabalhar com ele na sala de aula. Eu era o tal assistente mesmo; o assistente que assiste. Eu acompanhava a aula dele e depois ia fazer os seminários com os alunos. Isso foi um privilégio. Aquele livro *Revolução Burguesa no Brasil* saiu deste curso, aliás, ele menciona isso. Eu aprendi muita coisa, eu li coisas que eu não lia nem amarrado. Eu li, por exemplo, *Ordem e Progresso* do Gilberto Freyre. Gilberto Freyre é *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mocambos*, mas *Ordem e Progresso* é um livro chatíssimo, sem conteúdo, você precisa fazer um esforço enorme, à luz dos outros dois livros, para saber onde é que ele que chegar. O livro foi muito criticado na época, Monteiro Lobato, todo mundo criticou aquilo. E eu li e entendi porque o Florestan queria que eu lesse. É um livro importante na trilogia do Gilberto Freyre. E li outras coisas também em função do Florestan, como eu estava acompanhando, eu precisava ler. E foi por aí que eu comecei.

**DP:** O senhor tinha comentado dessa sua vocação de levar os alunos para fora da sala de aula e sensibilizá-los sobre as questões do cotidiano. Nesse sentido, o Florestan foi uma referência?

**JSM:** Não. O Florestan era um acadêmico de tipo francês, os assistentes dele também eram, quer dizer, o curso era na sala de aula, fora da sala de aula era a pesquisa empírica, isso sim eles valorizavam, não tinha nada de ficar fazendo ensaio. Quem está



começando faz pesquisa e escreve sobre a pesquisa que fez. Eu comecei a fazer pesquisa de campo imediatamente. Já em 1965 eu fui para o campo fazer pesquisa, fui para a roça.

A minha experiência de convidar os alunos para saírem veio de uma experiência clandestina que eu tive durante a ditadura, que foi de dar cursos sobre o Brasil para trabalhadores rurais analfabetos, índios, etc. Eu viajei o Brasil inteiro, eu ajudei a formar quadros que hoje são do MST<sup>3</sup>, por exemplo. Com toda a crítica que hoje eu possa fazer ao MST, eu me vinculei ao pessoal da Comissão Pastoral da Terra, que estava começando, eles tinham um acesso através das igrejas que eram locais e muito abertas à população, mas havia a necessidade de formação de quadros, lideranças, estava se pondo o problema de abrir sindicatos no campo. Já estava criada a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura, mas os sindicatos locais não estavam estabelecidos nas regiões mais atrasadas. Ao mesmo tempo havia uma enorme violência no campo, muitos assassinatos. Isso tornava tudo difícil, foi uma coisa muito complicada.

Então eu ia, eu dava todos os meus cursos em seis meses aqui e ia para a Amazônia e para alguns do Nordeste e Sul do Brasil. Ia dar curso para os agentes sindicais e agentes de pastoral, era uma coisa meio clandestina, reunia na igreja, parecia catecismo. Comecei a dar muito curso embaixo de árvores, não tinha infraestrutura, eram lugares atrasados. E eu gostei desta experiência de fazer de qualquer espaço uma escola, você pode fazer uma escola em qualquer lugar, embaixo de uma ponte. E eu dormia em qualquer lugar, levava minha rede, papel, caderno, pilha e gravador. Eu dormia de qualquer jeito, em qualquer lugar. Dormi embaixo de altar, dormi em roça no meio de um monte de arroz. Onde pintava eu armava minha rede e dormia e dava meus cursos. Eu tinha que levar para estes estudantes que não tinham escolaridade básica, no geral, a mesma coisa que eu dava para os alunos na universidade. Eu desenvolvi uma espécie de estratégia de ensino. É possível, você não precisa ser alfabetizado para assimilar o grande conhecimento. É incrível. E se você fala isso na universidade vão falar que você está equivocado. E eu falo: não estou

---

<sup>3</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.



equivocado, funciona. Você pode ensinar Machado de Assis para pessoas analfabetas e elas vão gostar, elas vão entender. Fiz isto por mais de vinte anos. Ensinei tudo o que eu sabia para um monte de gente. E era uma coisa tão grave que pelo menos 12 ou 13 dessas pessoas que eu ensinei foram assassinadas, não por causa dos meus cursos, obviamente, mas foram assassinadas porque elas já estavam envolvidas em uma situação de confronto. Pessoas que, inclusive, me hospedaram na casa delas e depois foram mortas. Era uma situação muito difícil.

Em função disso eu falei: eu tenho que tirar meus alunos da sala de aula, eles têm que saber que na rua tem gente, no sentido grande da palavra humano. Por sorte os alunos não resistiram. Os meus alunos sempre foram – e isso eu acho que é normal na universidade – aqueles alunos cheios de curiosidade. Eu lembro que uma vez fomos para Paranapiacaba, num dia de chuva, nós andamos o dia inteiro embaixo da chuva para explicar essa coisa do panóptico, o pessoal todo molhado com saco de lixo na cabeça, aí na hora de voltar um aluno falou: “Professor, agora eu sei por que todo mundo fala que seu curso é um ‘programa de índio’”. Era um pouco disso, de fazer essas loucuras. Eu nunca tive problemas com a falta da presença dos alunos, e olha que era muito cansativo.

**DP:** Eu acompanho suas crônicas no jornal, enfim, o que me chama a atenção é que o senhor dirigiu grande parte das suas pesquisas à questão agrária e, ao mesmo tempo, o senhor tem uma enorme sensibilidade, uma argúcia para falar sobre a cidade. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre esse esforço, essa tentativa da revitalização do centro. O que o senhor acha dessa tentativa e como a Biblioteca poderia participar desse processo?

**JSM:** Na verdade eu tenho esta dupla cara, a roça e a cidade, porque eu nasci no meio, eu nasci e cresci no subúrbio e passei um tempo na roça. O subúrbio é o lugar em que o campo e a cidade se encontram e se desencontram. O subúrbio é o urbano inacabado, tudo é incompleto no subúrbio, é o último lugar em que chega uma biblioteca, por exemplo. E ao mesmo tempo o subúrbio foi constituído por uma





população que saiu da roça, que não teve condição de continuar trabalhando no campo. E uma das coisas que eu aprendi nesse período a valorizar é a cidade, o centro.

Se a gente pensar a cidade, não como município administrativo, porque isto não funciona do ponto de vista sociológico, mas a cidade que é São Paulo, o miolo da cidade é o lugar da civilidade. O urbano é o lugar da civilidade em qualquer parte. Apesar de a cidade estar muito deteriorada, o centro – hoje muito menos do que já esteve – muito maltratado, muito invadido – invadido não por gente que não deveria estar lá, eu jamais diria isso – mas invadido por coisas estranhas à ideia da centralidade do urbano. O excessivo comércio de coisas que vão ocupando todos os espaços, não sobra absolutamente nada. A cidade não é isso.

No meu tempo de adolescente, a cidade tinha pontos demarcatórios de monumentalidade, que eram o que dizia para todas as pessoas que vinham à cidade, que valia a pena ir ao centro da cidade. A Biblioteca Municipal de São Paulo era um desses lugares, a Galeria Prestes Maia, o Museu do Ipiranga - que não é centro, mas é centro culturalmente - a Igreja da Sé, as igrejas em geral, as praças eram bonitas para você sentar e ficar lá, simplesmente; o Teatro Municipal.

Eu só fui entrar no Municipal quando a prefeitura criou um programa de apresentação da Orquestra de Câmara de graça aos domingos de manhã, senão eu não teria condições de ir. Eu tinha que fazer um sacrifício enorme para vir. Aquilo é um monumento, uma obra de arte, é lindo e eu, então, comecei a frequentar esses programas nos domingos de manhã. Eu gostava muito de música; quando nós finalmente tivemos rádio em casa eu gostava muito da Rádio Gazeta, que era uma rádio culta, como é a Cultura hoje, da Eldorado. Eu era louco por música, mas nunca tinha visto uma orquestra tocando. Vim ver uma orquestra no Teatro Municipal. Eu trazia amigos meus e falava: “Vale a pena, é uma coisa estranha, vocês vão gostar”.

O centro da cidade era um conjunto de instituições tratadas com grande dignidade, abertas a todos nós. Aquela vida problemática da pobreza que eu tinha na minha casa, por exemplo, que era muito ruim para dizer a verdade, tinha uma compensação enorme nas visitas que eu fazia aqui, à Biblioteca. A Biblioteca era um



pouco a sala da minha casa, a casa que eu não tinha. O Teatro Municipal passou a ser isso. Mas um outro lugar que passou a ser foi a Pinacoteca do Estado. Descobri que tinha um trem que saía de São Caetano e me deixava na porta da Pinacoteca. Eu não sabia o que era uma Pinacoteca, eu vi uma notícia de jornal e falei: “Eu vou ver o que é isso”. Aí eu fui lá e não ia ninguém. Durante anos eu frequentei a Pinacoteca que estava sempre vazia. Eu parecia um tonto com a boca aberta vendo aqueles quadros. E um dia veio um senhor e começou a conversar, e ele me mostrou toda a Pinacoteca. Era o Túlio Mugnaini, que era o diretor da Pinacoteca e um dos grandes pintores expressionistas de São Paulo. Ele me deu o catálogo da Pinacoteca, ele me mostrou tudo. Lembro dele me dando uma aula sobre o Almeida Júnior, diante dos quadros do Almeida Júnior. E eu não sabia quem ele era. Na Pinacoteca, uma vez, eu encontrei uma única pessoa, era um senhor velhinho, que também me viu lá olhando e começou a conversar comigo, e ele disse: “Eu trabalhei com o Ramos de Azevedo, eu sou o homem que fez as decorações em ouro do Teatro Municipal de São Paulo”. Eu fiquei bobo, não era possível! Aí ele me convidou para tomar um café. Ele morava com uma filha naquela vila inglesa, que tem ali perto da Estação da Luz e que foi de funcionários da estrada de ferro. Então, fomos lá e ele tinha desenhos, tinha mil coisas e volta e meia eu encontrava com esse homem.

A minha primeira excursão com alunos foi quando eu ainda era estudante e dava aulas para um curso de madureza, que era o supletivo, todos os alunos eram mais velhos do que eu, todos trabalhadores que estudavam de noite. E eu falei: “Vamos no domingo conhecer a Pinacoteca do Estado”. Eles não sabiam o que era. Eu tenho uma fotografia, eu sou um menino no meio daquele monte de marmanjos. E eles ficaram loucos. E eu falei: “Vocês podem entrar aqui a qualquer hora, pegar um trem que custa 20 centavos, descer na porta e ficar uma tarde inteira aqui vendo essas coisas maravilhosas”. Naquela época só tinha a exposição permanente, não tinha a temporária. Eu vi aquela mesma exposição dezenas de vezes e nunca me cansei. Sempre descobria uma coisa nova. Eu me lembro do Túlio Mugnaini apontando para o quadro *Caipiras Negaceando* e perguntando: “O que você vê?”. Eu olhei, tentei explicar. Ele falava que tinham três pessoas e eu afirmava que só tinha duas pessoas no quadro.

Foi ele que me mostrou que no meio da floresta havia o rosto do próprio Almeida Júnior. Esse se pintou no meio olhando os dois caçadores, isso era uma brincadeira que às vezes os pintores faziam.

Então era um privilégio ter a Pinacoteca sempre vazia. Esses pontos eram pontos demarcatórios do que viria a ser o centro. O centro era o centro monumental, aquilo que o Henry Lefèvre chama atenção para a importância da monumentalidade do centro. É o centro que anuncia a universalidade do homem, o saber, a beleza, o possível. O possível tem que estar no centro da cidade. Porque transformar o centro da cidade, no que se tentou num certo momento, em um campo de concentração de camelôs, isso não é o centro. O camelô tem todo o direito de ganhar a vida, mas isso não é o centro, é o particular se sobrepondo à universalidade das coisas.

**DP:** E o senhor acha que com toda essa descentralização da cidade o centro ainda pode ter esse significado?

**JSM:** Pode e deve. Eu estou acompanhando este ciclo de seminários que a Helena Gasparian está organizando na prefeitura, “Aula São Paulo”, e eu tenho ouvido o que aconteceu em outras cidades que passaram por situações semelhantes e conseguiram recuperar o seu centro e trazer de volta o público, fazer do centro um lugar onde você não vai de passagem, você vai visitar o centro, porque você vai visitar a alma da sua cidade. Isso era uma coisa que os velhos operários de São Paulo faziam. Eu ouvi muitas histórias de operários, até porque eu vinha de um bairro operário. Eles pegavam o bonde e iam parar no centro da cidade para visitar exatamente essas coisas.

É o centro que pode dizer às pessoas que existe algo que é desejável porque é belo, porque é grande, que está além do nosso dia-a-dia, das nossas vicissitudes, mas que é nosso também.

Eu, quando entrava aqui na Biblioteca, eu não entrava como se estivesse entrando na casa do prefeito, ou em um lugar que é proibido entrar, como acontece normalmente nas repartições públicas. Aqui era um lugar que a gente entrava, você tinha que esperar

na fila, mas tinha um lugar lá dentro, você podia pedir um livro que nunca poderia comprar, que nem existe mais nas livrarias, e ler o livro como se fosse seu.

**DP:** Você lembra de algum livro que tenha sido muito marcante?

**JSM:** Eu não me lembro de nenhum livro em especial, eu sempre gostava de pedir um livro de poesia junto com os outros. No fim do meu expediente aqui eu mergulhava nos poetas brasileiros. E como eu não podia ter os livros, eu decorava os livros. Eu cheguei ao absurdo de decorar o *Oração ao Pão*, do Guerra Junqueira que é uma obra enorme, quilométrica. E foi uma experiência. O centro é, digamos assim, uma experiência na vida das pessoas.

Por que essa molecada que fuma *crack* vem ao centro? As pessoas ficam com pena. Eles vêm ao centro porque o centro é bonito, o centro é atraente. Na copa de 98 eu vim com os alunos até o telão do Anhangabaú, a gente fotografou, fizemos mil e quinhentas fotografias. Depois fizemos duas exposições. Fotografamos as expressões de emoção das pessoas. A gente viu a copa no rosto das pessoas, de costa para o telão. Foi uma das duas únicas vezes que eu tive certeza que o Brasil existe, porque fora dali eu não tenho certeza de que existe um país chamado Brasil. O que mais me impressionou é que não houve um ato de violência no centro da cidade, isso atestado pela polícia, durante os 30 dias da copa. Não houve por um motivo: todos esses batedores de carteira, os trombadinhas, ladrões, estavam todos no Anhangabaú, os ricos saíram de suas casas e foram para o Anhangabaú, eles foram arrastados pela ideia do “nós”. Não é por causa do futebol, eu até nem gosto de futebol. O que está em jogo no jogo é outra coisa muito mais interessante, é a ideia do “nós”. E você via madame abraçada com o trombadinha na hora da emoção. Eu vim em todos os jogos com os alunos e os moradores de rua recebiam a gente como se nós estivéssemos entrando na casa deles. Esse pessoal entendeu o centro, o centro é isso mesmo, o centro é o grande símbolo da nossa casa, a nossa cidade, o lugar em que a gente vive, o lugar em que a gente vai morrer. Eu acho que recuperar o centro é fundamental para restituir a todas as pessoas o sentido de pertencimento, o sentido da dignidade e o

sentido do direito. O direito de entrar numa Biblioteca, de entrar no Municipal, ou no mínimo de sentar na escadaria do Municipal e ficar olhando aqueles postes com aquelas mulheres de peito para fora. É isso o que dá sentido viver na cidade.

**DP:** E em relação à Biblioteca, como ex-frequentador, cidadão paulistano, intelectual, qual o futuro que o senhor vislumbra para a Biblioteca? O senhor acha, por exemplo, que ela deve focar nas ciências humanas, recuperar seu potencial embrionário? O que pode dar um novo frescor, para uma instituição tão sólida como esta?

**JSM:** Sou contra a especialização das bibliotecas centrais. Como eu disse, para mim ela ainda é uma biblioteca nacional, a única que existe em São Paulo. Então, neste sentido, eu acho que ela tem que ser diversificada, deve ter muita coisa de literatura, poesia, romance e teatro – porque isso faz parte da dimensão da universalidade. Acho que seria interessante, sim, expandir e atualizar o acervo de ciências humanas. Até porque hoje tem muita coisa de ciências humanas que é lida por quem não é especialista em ciências humanas, toda essa nova historiografia das mentalidades que tratam de temas fascinantes, pode estar em uma biblioteca como esta e ser lida por um público que não necessariamente está na universidade. Ela já foi isso, mas está desatualizada, este é o problema. É preciso pensar nessa dimensão da Biblioteca. É aquela velha história: se eu quero ler um livro, algum livro de Shakespeare, na minha cabeça passa que na Biblioteca municipal provavelmente tem esse livro.

**DP:** E em relação a fomento a projetos de pesquisa, seria interessante?

**JSM:** A Biblioteca sempre teve essa parte de apoio a pesquisas, as salas especiais, dos pesquisadores, minha mulher me lembrou isso ontem. Ela começou a trabalhar como assistente do professor Aziz Simão, que era cego, e toda a sua pesquisa foi feita por auxiliares de pesquisa na Biblioteca Municipal. Ele tinha uma sala para seus pesquisadores e eles vasculharam toda a coleção de jornais da Biblioteca. Então a minha mulher disse que vocês devem entrevistar alguém ligado ao Aziz, porque ele já

morreu – quem sabe a mulher dele – porque foi uma pesquisa marcante e seria fundamental.

Eu tenho a impressão de que a Biblioteca precisaria refinar o setor de pesquisadores, estabelecer alguns critérios, para que mais deles venham aqui, descubram o acervo, utilizem o acervo – eu sei que vem muito estrangeiro, mas os brasileiros vêm pouco. Valeria a pena chamar a atenção para a Biblioteca, na medida em que a Biblioteca oferece uma estrutura para o pesquisador que quiser trabalhar aqui dentro.

**DP:** E a relação com a universidade, você acha que tem que reaproximar?

**JSM:** Acho que tem que divulgar a Biblioteca na universidade. Sobretudo nas áreas que seguramente são mais identificadas com o tipo de acervo que existe aqui. Acho que os acervos não rivalizam porque o que vocês têm aqui não existe na universidade, pensando nas coisas mais antigas, isso é um patrimônio. Quando eu falo “coisas mais antigas” não é para desqualificar o acervo, mas para valorizá-lo. Valeria a pena chamar a atenção para isso, sobretudo os alunos de pós-graduação.

Acho que uma coisa que seria possível fazer seria pegar alguns livros que foram construídos em cima do acervo da Biblioteca e mostrar que aquela pesquisa foi possível graças ao acervo da Biblioteca e, de repente, outras pesquisas também podem ter vantagens, se a Biblioteca for incluída no roteiro de instituições a serem visitadas. Mas eu acho que o problema da não divulgação existe em todas as bibliotecas de São Paulo. Eu sei, por exemplo, que a Sociedade Rural Brasileira tem uma boa biblioteca de coisas relativas ao café, porque uma vez eu conversei com o presidente, mas as pessoas não vão lá. E eu sei de outras instituições que têm boas bibliotecas e as pessoas não vão lá; os mosteiros têm boas bibliotecas, mas as pessoas não vão lá. E não vão porque não sabem. Eu comento, às vezes, alguma coisa com algum aluno da pós e ele diz que não sabia. “Existe mesmo?” - “Existe, é uma questão de você ir lá e pesquisar”. O mesmo acontece com o acervo desta Biblioteca.



É verdade que muito pesquisador vinha aqui por causa dos jornais, e muitos deles já não estão mais disponíveis na quantidade e riqueza que deverão voltar com este anexo que vocês irão construir. Espero que isso aconteça logo. Eu já estou até imaginando como vocês vão interligar. Haverá uma ponte ligando a parte lá de cima com o anexo? Haverá um túnel? É, porque senão não entra, não conjumina, tem que ter algum acesso para você circular por dentro.

**DP:** Excelente. Luís, quer perguntar alguma coisa?

**Luis Francisco Carvalho Filho<sup>4</sup>:** Eu quero fazer uma pergunta e aproveitar para fazer um convite. Toda a preocupação que nós estamos tendo agora, nós vamos montar uma espécie de seminário na Biblioteca para discutir o entorno da Biblioteca. A gente acha que com a restauração desse prédio e com a adaptação do outro nós vamos estar ligados à Sete de Abril por uma galeria, tem a Galeria Metrópole que é potencialmente um lugar muito interessante ali na São Luis. A nossa ideia é fazer um seminário para começar a discutir que resposta que nós devemos ter do ponto de vista urbano para essa região. Inclusive, nós vamos fazer uma reunião com as escolas de arquitetura da cidade e a minha ideia é envolver os alunos para colocar esse lugar como um ponto de escudo deles. A minha sensação é a de que, se você simplesmente usar a legislação que já existe, você já controla uma série de desvios que provoca, por exemplo, a poluição visual, sonora, ocupação indevida pelo próprio poder público.

Na São Luis você tem um trecho que vira estacionamento de investigador de polícia. Então, fazer uma espécie de mobilização, não é repressão, mas de trabalho com o “Viva o Centro”, e seria interessante que o senhor se envolvesse nisso, já que o senhor demonstrou interesse pela questão urbana, e disse uma frase que eu considero essencial que é: “o monumentalismo faz bem à cidade”. E a Biblioteca é um monumento e ela será um monumento ainda mais interessante na medida em que o projeto prevê o fim das grades e a sua reacomodação na Praça, sem essas prisões.

---

<sup>4</sup> Diretor da Biblioteca entre 2005-2008.



**JSM:** “Desconfinar” a Biblioteca. A palavra não existe, mas ela é boa. Isso é interessante, eu acho que sim. Provavelmente as pessoas que estão em volta e as pessoas que têm poder de decisão são sensíveis a isso.

**LFC:** Eu acho que são e, na minha opinião, tirando aquilo que é a resposta imediatista do tipo: “Grade é importante porque deixa de fora o sem-teto e precisamos botar posto de polícia”, e outras coisas que atendam a esses interesses. Se você começar a fazer um trabalho, evidentemente que você pode e deve ter uma presença do poder público, a presença dos guardas metropolitanos de forma civil sem ser repressiva. Você fazer a contenção das pessoas com o próprio jardim sem a necessidade de estabelecer grades.

**JSM:** Claro. Eu acho que se o jardim for bem cuidado, a população sempre respeitou o jardim aqui da Biblioteca, nunca vi nada demais, mas colocar grade, atrai, porque é um desafio.

**LFC:** É. Quando eu cheguei aqui, uma das propostas para combater a pichação era cortar as árvores em volta porque facilitava pular as grades. E não é esse o problema.

**JSM:** Acho que a coisa da pichação precisa de um programa, eu acho que é possível fazer um programa com os pichadores. Eu tenho horror a pichadores. Com relação aos pichadores, nós conhecemos mal esta dinâmica da sociedade dos pichadores, é um mundo à parte. Então claramente é alguém que veio de longe para colocar sua marca: “Estive aqui”, e muitos colocam o nome dos bairros que eles vieram, marcar o território. Se eles tivessem outras alternativas de afirmação de identidade..., o que eles não têm. E esse é o grande drama, as escolas não se envolvem, as igrejas dos bairros teriam que ser mobilizadas para criar coisas mais interessantes do que ficar pichando por aí. E é uma linguagem de analfabetos porque não tem conteúdo, só eles entendem o que eles escrevem.

Você se lembra daquele programa “arte e cidade”, saía um trem que circulava e parava em um moinho? Eu fui com os alunos lá, depois de tudo estar abandonado. O





peçoal do “arte e cidade” foi embora e deixou os restos deles lá. Tinha uma favela perto que estava se desenvolvendo rapidamente - ali é perto do Palácio dos Campos Elíseos - e o peçoal já estava começando a entrar no prédio do moinho, que é um prédio enorme entre as duas linhas do trem. Aquilo dava um filme, porque a guerra entre as gangues estava lá. As gangues marcavam encontro lá para fazer a guerra presente nas pichações e era muito violento, não é brincadeira. E eu falei para os alunos: alguém devia fazer um estudo, porque dá um belo estudo antropológico, sociológico, porque aqueles sinais têm sentido, mas só para quem faz parte desse mundo. Eles estão jogando na particularidade, eles não querem jogar com o mundo, com o outro, por isso eles picham.

Mas eu sempre penso, será que no mundo de cá não está acontecendo isso? O Teatro Municipal não está fechado a essa população? No meu tempo não estava, a gente chegava no domingo, não pagava nada e entrava. Será que essas instituições públicas em geral, essa Biblioteca aqui, não está sendo encarada como um lugar que só quem tem meios, quem tem condições, é que entra? Isso está acontecendo com as escolas, quer dizer, quem vai à escola é nosso inimigo, porque tem o que não temos. O que também não é verdade, porque a escola pública está aí. Talvez falte uma pedagogia para incorporar essas pessoas e dizer que nós também temos a nossa gangue, a gangue do livro, sei lá.

**LFC:** Existe um *site* em que se registra justamente essas marcas das gangues, é uma espécie de “diário oficial”. E é muito interessante porque eram estudantes da USP, filhos de professores da USP, e que se metem na seguinte enrascada: recebe um telefonema ou um *e-mail*, dizendo que amanhã às cinco horas da manhã nós vamos fazer uma pichação dentro do local de manobra do metrô. Evidentemente eles se meteram num lugar que tem uma segurança incrível. Os pichadores foram presos, o fotógrafo que registrou foi preso, o *site* dele saiu do ar, ele foi parar na delegacia de meios eletrônicos que já existe, e ele se viu no meio de um enorme processo judicial, os pais foram me procurar completamente envergonhados com os filhos. Mas este é um sinal de que existe uma capilaridade entre eles muito grande, eles estão na internet.



**JSM:** Eles estão em todos os lugares e a gente não consegue ver. É impressionante isso. Agora, todas essas medidas repressivas que ordena quem pichou prédios públicos ir para a cadeia... Vai para a cadeia fazer o quê? Para entrar em contato com os bandidos? Tem que haver um outro tipo de diálogo. Acho que o diálogo é esse: você tem que mostrar que uma Biblioteca como essa é mais do que paredes isolando de fora, que eles podem entrar aqui e ler um livro, podem ouvir um concerto, ouvir rock, pôr umas coisas malucas que não tem nada a ver. O Teatro Municipal a mesma coisa, levar a molecada.

**LFC:** No ano passado nós tivemos a Virada Cultural e nós fizemos quatro espetáculos aqui na Biblioteca e o que nós combinamos é que nós iríamos até a meia-noite do sábado. Aí eu chego aqui à meia-noite e tem quatrocentas pessoas dançando em volta da estátua, e não dava para botar para fora. E o meu pânico era que na hora que eu falasse “acabou a festa”, isso aqui vai virar uma rebelião. Então eu fui lá e comecei a falar com o *DJ* – era um *DJ* especialíssimo que tinha vindo do Rio de Janeiro – e o *DJ* começou a falar: “Olha, a Biblioteca vai fechar”. “Uuuuu”. O fato é que terminou a música meia-noite e quinze e eu vou ali na sala de atualidades e tem umas 80 pessoas sentadas no terraço conversando. Aí eu falo: “Escuta, eu sou o diretor da Biblioteca e nós temos que fechar”. Todo mundo levantou e saiu. Eu fiquei assustado com a reação das pessoas, quer dizer, uma atitude de respeito e reconhecimento. Eles foram até onde eles aguentaram a gente. Isso é muito curioso do ponto da civilidade urbana. E essas viradas têm sido interessantes, porque não há nenhuma ocorrência policial. Nessa última pós-PCC<sup>5</sup> não houve nenhum tipo de ocorrência policial, assalto, briga, nenhum tipo de coisa.

**JSM:** A verdade está registrada, a cidade é muito mais pacífica do que dizem. Eu fiz um curso de fotografia com a Cristina Sterling há alguns anos e ela é a típica pessoa que não deveria sair sozinha à noite, à rua, e ela sai uma hora da manhã para fotografar à

---

<sup>5</sup> Organização criminosa Primeiro Comando da Capital



noite. E eu falei: “Você é maluca de sair nessa cidade sozinha à noite”. E ela disse que nunca teve nenhum problema com violência; ao contrário, ela encontra muita gente: os taxistas, os moradores de rua, que vão perguntar se ela precisa de alguma coisa, se quer que fique junto. Às vezes ela fotografa às duas da manhã a região da Luz, Julio Prestes e nunca teve problema algum. Tanto é que no curso ela sai com a gente sempre à noite. Então eu acho que tem um pouco de exagero, de paranoia. Essa cidade já foi muito curtida à noite por gente que saía. Era gostoso você ficar na rua até tarde, tinha os cinemas que ficavam abertos, os teatros, e depois você ia no mínimo tomar um café com os amigos. E nunca aconteceu nada, os grandes problemas não estavam aí, e continuam não estando. Eu acho que o centro foi abandonado pelas pessoas diferenciadas socialmente por causa dos boatos. As pessoas ouvem esse noticiário maluco na televisão, ou leem jornal, e não perguntam onde que aconteceu, aí eles acham que foi no centro.

**LFC:** E também as pessoas vivem no fundo... Eu acredito que os interesses ditam os movimentos, quer dizer, é uma coisa curiosa, na minha área, o direito, muita gente abandonou o centro procurando “lugares mais chiques”, na Paulista, na Faria Lima, e vão se afastando do centro. Hoje já tem um movimento que começa a perceber que aqui as coisas são baratas, são maiores, são mais agradáveis. Você imagina um escritório de frente para a Praça Dom José Gaspar, entre duas estações de metrô com toda a infraestrutura urbana, entendeu?

**JSM:** Eu te dou dois exemplos: Se eu tivesse dinheiro ou necessidade eu entrava agora. Eu estou namorando o Sampaio Moreira, um prédio que fica de frente para o Anhangabaú, um prédio lindo, o primeiro... Tem a estátua do Verdi numa pracinha e ele é bem na frente, você olhando do viaduto você logo vê, ele está no meio de dois prédios modernos muito feios, tem a pracinha e ele está na Líbero Badaró. Ele é um dos primeiros arranhacéus de São Paulo, foi batido pelo Martinelli, é do arquiteto brasileiro, Cristiano das Neves, que construiu a Estação Sorocabana onde hoje é a casa de concertos do Estado. Ele está todo original, elevador lindíssimo. Você pode

alugar uma sala enorme lá por R\$ 600,00. Eu fui lá e tem sala para alugar. Mais recentemente, no Palacete dos Xavantes, eu fiz uma matéria lá. Também todo original, todo preservado, um apartamento lá é seiscentos reais. É um lugar para escritórios, mas tem muita gente que mora. É muito mais barato do que qualquer coisa que você pode imaginar. É uma casa com estilo, porque tem estilo, com um tipo de conforto que não existe mais, é bonito, no centro. Tem muita gente voltando ao centro. Tem uma coisa que um dos meninos do grupo de fotografia que foi meu aluno falou – porque saiu uma matéria no *Estadão* sobre um hotel ali na rampa da São João que vai dar no Anhangabaú, é um hotel antiquíssimo, com vitrais bonitos. O *Estadão* publicou uma matéria maravilhosa, diz que o café da manhã lá é imperdível. Então nosso grupo de fotografia combinou ir lá e alugar alguns quartos e depois aproveitar para fazer uma excursão fotográfica pelo centro, aproveitando a cidade vazia. E esse meu aluno foi lá para testar e ficou uma noite e não dá para ficar; não dá porque o tipo de movimentação do hotel é um pouco inconveniente, não é um lugar para dormir, em suma. É muito barulhento, aquele entra e sai, ele teve dificuldade. Mas ele é muito distraído e falou assim: “É muito bonito, porque eu abri a janela e dá para aquela varanda na rampa da São João. Eu achei lindo, só que tem muito mosquito e é muito barulhento”.

Eu andei por aí observando. Tem hotéis lindíssimos, antigos, preservados, no centro da cidade, e que não têm esse problema da frequência e a diária é baratíssima. Você vai num desses hotéis, o Othon, e não dá para ficar numa coisa dessas, aquele monte de homens e mulheres que vão usar o quarto, na verdade, como um estúdio.

Mas tem muita coisa abandonada que o pessoal não valoriza e que poderia valorizar. A Dalila Teles Veras, que é uma amiga minha, uma poetisa, uma excelente poetisa, que está em antologias por aí, acho que ela frequentou aqui. Outro dia eu encontrei com ela – ela mora em Santo André, tem uma excelente livraria chamada Alfarrábio, que tem um pequeno auditório, ela adaptou uma pequena garagem, onde ela leva os escritores, os poetas para falar; é um sebo, não tem nada novo – e ela me contou que veio recentemente de Santo André para São Paulo para ir aos teatros do centro e ficou dois dias com o marido em um hotel aqui no centro, porque fica mais

fácil. E ela disse que os hotéis não são caros, ou seja, você vem para o centro para aproveitar a vida cultural, ainda existe uma vida cultural aqui no centro.

**DP:** Muito bem, professor, foi um enorme prazer, eu agradeço a sua presença, a sua disponibilidade e contamos com o senhor para ajudar o nosso projeto. Muito obrigado!

**JSM:** Obrigado. Uma forma de trazer muita gente para cá é dizer que o Bispo que morava na casa que ficava aqui faz milagre. Qualquer tipo de milagre. Aí o pessoal vai começar a acender vela e frequentar o terreno, mas vão preservar.

**DP:** Aí aqui vai virar um templo, mesmo.

